

# PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE A MONOTONGAÇÃO NA FALA DO PESSOENSE E APLICAÇÃO DOS RESULTADOS AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA<sup>1</sup>

## ***SOCIOLINGUISTIC RESEARCH ON MONOPHTHONGIZATION IN PESSOENSE SPEECH AND THE APPLICATION OF ITS RESULTS TO PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING***

Rossana da Conceição Honorato de Sousa

Juliane Ribeiro Lopes Pedrosa

UFPB

**Resumo:** A monotongação é o nome que se dá ao processo em que um ditongo é realizado como uma vogal simples, decorrente do apagamento da semivogal do ditongo. Considerando a Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994), a partir dos trabalhos de Hora (2001, 2012), Silva (2001; 2004) e Aragão (2009), esta pesquisa tem o objetivo de analisar quanto o fenômeno da monotongação do ditongo [ej] é recorrente na fala dos homens de João Pessoa, além de verificar quais variáveis extralinguísticas (faixa etária, escolaridade e assunto da entrevista) e quais variáveis linguísticas (contexto fonológico seguinte, natureza morfológica, número de sílabas, tonicidade e classe gramatical) condicionam positivamente ou restringem a sua realização. A partir dos resultados obtidos, também será proposta uma atividade pedagógica para o Ensino Fundamental sobre ditongo e monotongação.

**Palavras-Chave:** Ditongo. Monotongação. Teoria da Variação

**Abstract:** *Monotongation is the name given to the process in which a diphthong is performed as a simple vowel, resulting from the deletion of the diphthong's semivowel. Considering the Theory of Variation (LABOV, 1972, 1994), from the work of Hora (2001, 2012), Silva (2001; 2004), and Aragão (2009), this research aims to analyze how much the phenomenon of Monotongation of the diphthong [ej] is recurrent in the speech of João Pessoa's men, in addition to verifying which extralinguistic variables (age group, education, and interview subject) and which linguistic variables (next phonological context, morphological nature, number of syllables, tonicity, and grammatical class) positively condition or restrict its fulfillment. From the results obtained, a pedagogical activity for Elementary Education on diphthong and monotongation will also be proposed.*

**Keywords:** *Diphthong. Monotongation. Variation Theory.*

---

1. Esse artigo é desdobramento do Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Português - UFPB, intitulado "A monotongação do ditongo [ej] na fala do pessoense", de autoria de Rossana da Conceição Honorato de Sousa e orientado pela Profa. Dra. Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa.

## INTRODUÇÃO

A monotongação é o fenômeno de apagamento da semivogal em um ditongo, que passa a ser tratado como uma vogal simples. Trask (1996) define a monotongação como “qualquer processo fonológico no qual um ditongo é convertido em monotongo”. Já Câmara Jr. (1977) destaca o caráter fonético do processo, ressaltando que a semivogal do ditongo é apagada em situações de fala menos monitoradas, mas permanece na escrita e em situações de fala mais monitoradas.

Pesquisas sobre o fenômeno da monotongação em João Pessoa como as de Hora (2001, 2012), Souza (2001, 2004) e Aragão (2009) têm demonstrado que o fenômeno é motivado mais por forças estruturais do que sociais. O presente estudo tem o objetivo de analisar, segundo a Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994), quais variáveis condicionam positivamente e quais variáveis restringem a monotongação do ditongo [ej] na fala do pessoense, a partir de uma análise estatística dos dados no programa RStudio<sup>2</sup> (2009), comparando os resultados obtidos aos resultados das pesquisas anteriores na cidade de João Pessoa, e, considerando os resultados da pesquisa, propor uma atividade pedagógica para o Ensino Fundamental sobre ditongo e monotongação.

A monotongação não tem sido muito estudada em João Pessoa atualmente. Mas, por ser um fenômeno muito recorrente na fala espontânea, há muita transposição para a escrita. Uma vez que a sua presença na escrita é vista como problemática, observar o fenômeno e entender os fatores que o condicionam é essencial ao/à docente de língua portuguesa, principalmente àqueles/as das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Neste trabalho, as variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas nas pesquisas anteriores sobre o fenômeno foram observadas novamente com os dados de 2018 do projeto VALPB<sup>3</sup> e analisadas estatisticamente no programa RStudio (2009). O corpus da pesquisa é composto por doze entrevistas e todos os informantes são do sexo masculino, estando estratificados em relação à faixa etária (15 a 25 anos e mais de 49 anos) e à escolaridade (de zero a cinco anos, de seis a onze anos e mais de onze anos de escolaridade).

As hipóteses são as de que os falantes, em geral, não têm muita consciência social do fenômeno da monotongação e é justamente por isso que a ocorrência do fenômeno independe de variáveis extralinguísticas como sexo, escolaridade e faixa etária; e, até em situações de fala mais monitorada, a monotongação é recorrente.

Sobre as variáveis linguísticas, a hipótese é a de que as variantes mais significativas para a ocorrência da monotongação sejam contexto fonológico seguinte e tonicidade da sílaba.

Dessa forma, ao confirmar os fatores que condicionam esse processo variável, será possível propor atividades que servirão de auxílio ao/à docente no trabalho com a representação gráfica dos

---

2. Linguagem de programação e ambiente de desenvolvimento integrado para a criação de gráficos e cálculos estatísticos.

3. É importante mencionar que o Projeto VALPB possui um acervo expressivo de *corpora*. O primeiro *corpus* levantado para o Projeto teve início em 1994. Depois, outros *corpora* foram levantados, a exemplo do que utilizaremos nesta pesquisa, que foi coletado em 2018. Outros pontos a serem destacados são que esse *corpus* possui um total de 36 informantes, mas, para esta pesquisa, utilizaremos apenas 12, e que tanto o corpus de 1994 quanto o de 2018 foram coletados na grande João Pessoa, buscando, dessa forma, mapear o perfil linguístico dessa comunidade.

ditongos. Antes, porém, passemos à teoria que servirá de base para a nossa análise e proposta de atividade com o ditongo.

## TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O modelo de análise adotado no presente estudo é o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística, cujos primeiros pressupostos foram discutidos no texto *Empirical Foundation for a Theory of a Language Change*, de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog, em 1968. Mas coube a Labov consolidá-lo através de suas pesquisas. Esse modelo assume o vernáculo (a fala não monitorada) como objeto de estudo e não admite uma ciência da linguagem que não seja social.

O modelo de análise proposto por Labov, também chamado de “sociolinguística quantitativa”, pelo fato de operar com números e analisar estatisticamente os dados, retoma as discussões que voltam a insistir na relação entre língua e sociedade, defendendo a possibilidade de sistematização da variação inerente à língua. É importante ressaltar que esse era o grande desafio teórico, conseguir dar conta do aspecto heterogêneo da língua. Essa sistematização busca controlar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam os processos variáveis.

A partir dos estudos de Labov sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), em 1963, e sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque, em 1966, fica claro que

as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas não ocorrem simplesmente por opção do falante, mas obedecem a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidas como regras variáveis, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social. (BRESCANCINI, 2007, p. 71-72).

A sistematização da variação, segundo Tarallo (1986, p. 10-11), consiste em fazer, inicialmente:

- 1) um levantamento exaustivo de dados da língua falada, os quais devem refletir o vernáculo da comunidade;
- 2) uma descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
- 3) uma análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a (s) outra (s).

E consiste, ainda, em verificar:

- 4) o encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade (em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada);
- 5) a projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade (a relação de contemporização entre as variantes).

É importante ressaltar que só é possível verificar (5), a projeção histórica, se houver um estudo que permita mapear a mudança linguística, ou seja, um estudo de tempo real associado ao de tempo aparente.

Nesta pesquisa, será possível estabelecer uma comparação entre dois *corpora*, o levantado em 1994, que já possui estudos sobre o processo de monotongação, e o levantado em 2018, cujos dados serão analisados. Na seção da metodologia, essas questões serão explicitadas com mais detalhes. Antes, porém, é importante reforçar o significado social da variação por Eckert e Labov (2017), para que fique clara a análise do processo de monotongação, especialmente no que diz respeito às variáveis extralinguísticas.

## **SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIAÇÃO: ECKERT E LABOV (2017)**

Quando o falante adapta a sua fala de acordo com o contexto em que está inserido, com o grau de formalidade envolvido na situação comunicativa, demonstra ter consciência do valor que é atribuído à sua fala em cada situação. Observar as variáveis que apresentam sensibilidade estilística ao contexto é, de acordo com Eckert e Labov (2017), buscar pistas do significado social da variação, que pode servir como motivação para uma mudança linguística sólida.

Sendo assim, a associação da variação linguística com o status e com a postura do falante no contexto de interação indica qual o significado social da variação. Significado social é, então, definido pelos autores (2017, p.469), como a “associação convencional entre distinções no mundo e distinções na forma linguística”.

O termo “significado social” pode parecer redundante, visto que todo significado é social na medida em que é construído para determinados fins ao longo de trocas sociais; porém, Eckert e Labov (2017) destacam que, embora todos os símbolos sejam sociais no sentido de que são socialmente construídos, o significado da variação é puramente social, pois não tem referência e indica algo a respeito do falante, o qual age como um “ator social” na situação de fala.

Segundo os autores, as variáveis assumem significado social na interação entre os falantes à medida que associam o que articulam e o que ouvem a aspectos do contexto. Sendo assim, já que o significado é construído na interação entre falante e ouvinte, evidências de significado social devem ser buscadas, em última análise, reunindo dados sobre produção e percepção.

Durante a pesquisa sobre o vernáculo da cidade de Nova Iorque, Labov (1966), por já perceber o paradoxo que o observador enfrenta ao tentar selecionar uma fala totalmente espontânea usando um método de coleta formal (a entrevista), deixa-a de lado e reúne dados a partir apenas da escuta das falas dos informantes em situação informal.

Para tentar amenizar os efeitos dessa formalidade da coleta na fala dos informantes através da entrevista, Labov (1984) propõe, também, que o grau de formalidade na entrevista seja deliberadamente variado, a fim de variar a quantidade de atenção que o entrevistado dá ao seu discurso. E, para se obter essa variedade no grau de formalidade, o autor sugere a mudança

de tópico/assunto da entrevista. Sugere que, quanto mais envolvido no tema da pergunta, menos atenção o informante coloca na forma como fala.

Para Labov (1984), a coleta de narrativas de experiência pessoal seria a melhor forma de conseguir dados de fala espontânea em entrevistas, pois, como corrobora Tarallo (1986, p.22), “o informante está tão envolvido emocionalmente com o *que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*”.

Como visto, a mudança de assunto da entrevista, na tentativa de variar os níveis de formalidade e informalidade, dá, segundo Eckert e Labov (2017), uma indicação indireta de como os falantes podem operar na interação com a comunidade. Dessa forma, é possível também, ao analisar a entrevista, encontrar indícios do significado social da variação, ainda que as demonstrações mais claras desse significado sejam encontradas em estudos que observam os falantes em diferentes contextos sociais (no trabalho, com a família, com amigos etc.).

No presente estudo, a mudança de assunto da entrevista<sup>4</sup> foi observada a fim de verificar se o fenômeno da monotongação é, de algum modo, sensível à mudança nos níveis de formalidade da entrevista.

## METODOLOGIA

A metodologia adotada no presente estudo consiste em investigar doze entrevistas sociolinguísticas, realizadas no ano de 2018, do banco de dados do projeto VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), analisando todas as ocorrências do ditongo [ej] e observando o fenômeno da monotongação (apagamento do glide no ditongo decrescente) na fala desses informantes.

Todos os informantes são do sexo masculino, nasceram em João Pessoa e nunca passaram mais de cinco anos fora da cidade. Estão estratificados em relação à faixa etária (15 a 25 anos e mais de 49 anos) e à escolaridade (de zero a cinco anos, de seis a onze anos e mais de onze anos de escolaridade). São seis informantes de cada faixa etária e dois para cada ano de escolaridade.

As variáveis independentes linguísticas consideradas na pesquisa são contexto fonológico seguinte, natureza morfológica do ditongo, tonicidade, número de sílabas e classe gramatical da palavra. As variáveis independentes extralinguísticas controladas são faixa etária, escolaridade e assunto da entrevista.

O roteiro seguido nas entrevistas do VALPB permite que sejam registradas narrativas pessoais, portanto menos formais, e narrativas mais “formais”. Sendo assim, na tentativa de buscar pistas sobre que tipo de registro condiciona ou não na monotongação, foi observada a influência do assunto da entrevista na ocorrência do fenômeno (se é menos recorrente ou se o falante faz alguma correção quando o assunto é menos pessoal, por exemplo).

Para a análise dos dados, foi feito inicialmente um levantamento de todas as ocorrências do ditongo [ej] durante as doze entrevistas. As ocorrências foram ouvidas exaustivamente e todos

---

4. Este ponto será esclarecido com mais detalhes na metodologia.

os dados sobre a variável dependente e sobre as variáveis independentes foram tabulados. Após o trabalho de escuta e tabulação, todos os dados foram analisados estatisticamente no RStudio (2009), software de desenvolvimento integrado da linguagem R, para que fossem obtidos resultados estatísticos confiáveis sobre a influência das variáveis no fenômeno da monotongação.

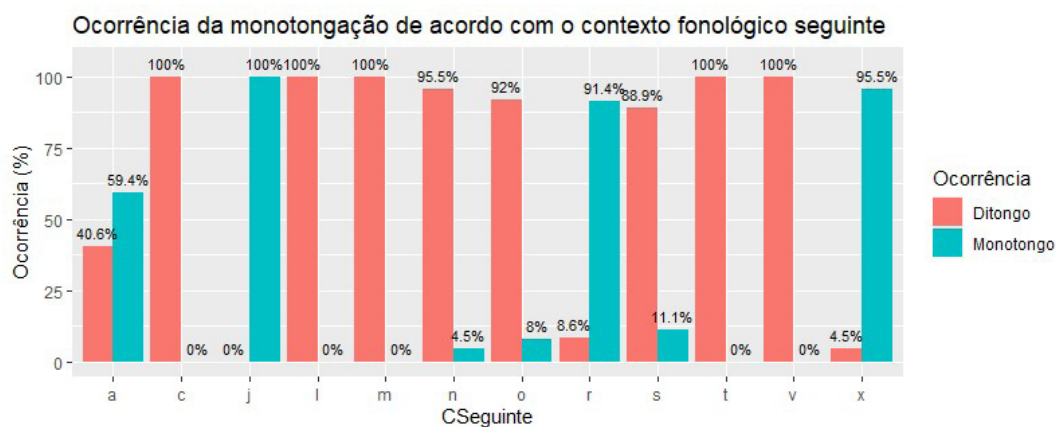
## RESULTADOS DA PESQUISA

Depois da tabulação de todas as ocorrências de palavras com o ditongo [ej] nas entrevistas dos doze informantes selecionados para a pesquisa, os dados foram analisados estatisticamente no programa RStudio (2009), sendo aplicado o teste de qui-quadrado para verificar se existe, de fato, associação entre as variáveis consideradas no estudo. Primeiramente, a discussão será sobre os contextos linguísticos que condicionam o processo e, na sequência, sobre os aspectos extralinguísticos.

## VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis linguísticas apontadas como as mais significativas para a monotongação foram contexto fonológico seguinte, tonicidade e natureza morfológica do ditongo. O gráfico a seguir mostra os resultados percentuais das ocorrências de acordo com o contexto fonológico seguinte:

Gráfico 1



Fonte: Autora

Os contextos fonológicos seguintes que mais favorecem a monotongação, como é possível observar pelo gráfico, são [ʒ]; [r]; e [ʃ], a exemplo das palavras: queijo, banheira, deixa, com uma diferença percentual significativa em relação aos outros contextos. O teste de qui-quadrado não aponta o contexto fonológico seguinte como uma variável positiva na ocorrência porque faz um cálculo da associação a partir de todos os contextos, e a maioria realmente não tem influência no fenômeno.

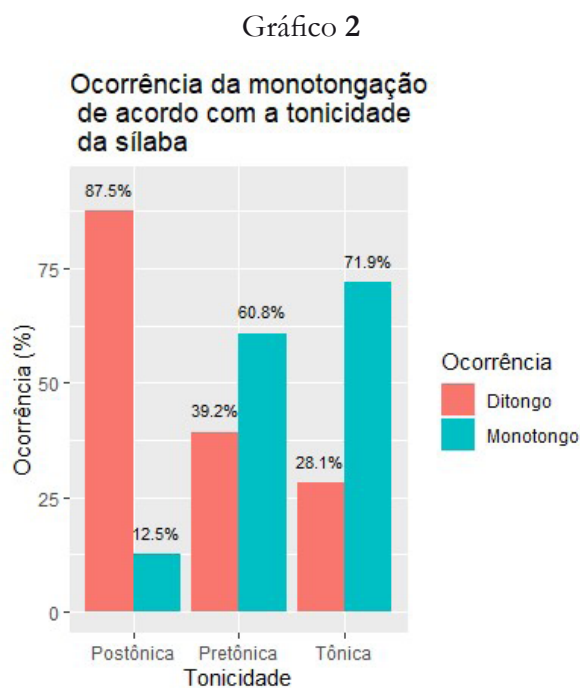
Pensando no fato de que não são todos os ditongos que podem ser realizados como

monotongos, Bisol (1989) os classifica em leves (falsos) ou pesados (verdadeiros). Os ditongos que apresentam variação com monotongos são ditongos leves (ligados a um único elemento V) e os que não monotongam são, para a autora, os verdadeiros ditongos (ligados a dois elementos V, o segundo elemento ocupando a coda).

Collischonn (2014) explica que ditongos leves ou falsos ditongos surgem antes de palatais, porque a palatal é uma consoante com articulação secundária, de acordo com a geometria de traços de Clements, uma consoante que possui tanto os traços consonantais propriamente ditos, quanto os traços vocálicos.

É importante ressaltar que o tepe, embora não seja uma consoante palatal, apresenta traço semelhante ao glide, por isso também propicia um ditongo leve.

De acordo com a amostra da pesquisa, os resultados também demonstraram associação entre a ocorrência da monotongação e a tonicidade da sílaba em que se encontra o ditongo. O gráfico a seguir representa a distribuição de frequência da variável tonicidade:



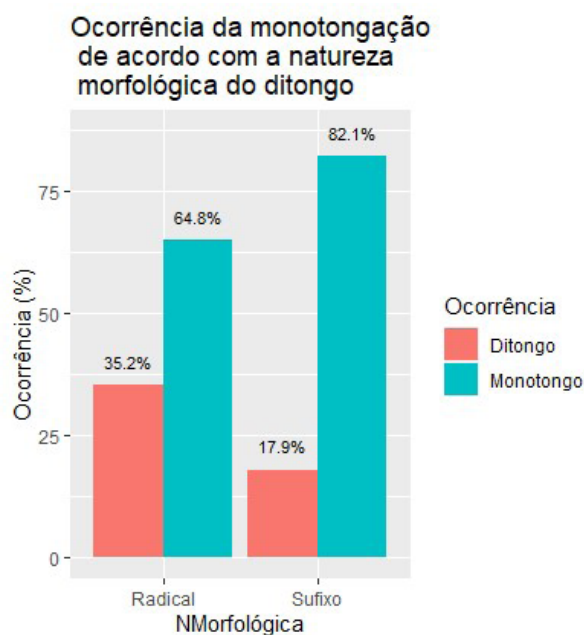
Fonte: Autora

O gráfico mostra que, se o ditongo estiver na sílaba pretônica ou na sílaba tônica, como em “primeiro” e “deixar”, a chance de a semivogal ser apagada é consideravelmente maior do que se o ditongo estiver após a sílaba tônica. O teste de qui-quadrado também demonstra que, considerando a amostra da pesquisa, a monotongação está associada à tonicidade ( $X^2 = 16.282$ ,  $df = 2$ ,  $p\text{-value} = 0.0002913$ ). No entanto, é possível inferir que esse resultado reflete que as palavras com os contextos seguintes mais propícios ([ʒ]; [r]; e [ʃ]) são tônicas e pretônicas. Isso é reforçado pela literatura, a qual demonstra que, quanto mais débil for a sílaba, maior é a probabilidade de apagamento. Dessa forma, haveria um condicionamento inverso ao apagamento da semivogal.

A terceira variável apontada como significativa pelo programa, a partir do teste de qui-quadrado, foi natureza morfológica do ditongo. O teste apresentou os seguintes valores: X-squared = 13.802, df = 1, p-value = 0.0002031.

O gráfico a seguir demonstra que a monotongação é mais recorrente quando o ditongo está no sufixo na palavra:

Gráfico 3



Fonte: Autora

Embora o p-valor indique que a associação entre as variáveis seja provavelmente verdadeira, talvez haja uma sobreposição de contextos neste caso. Pois, considerando todas as palavras da amostra, percebe-se que a maioria dos sufixos com o ditongo [ej] apresenta [ ] como contexto fonológico seguinte, por exemplo, os sufixos -eiro e -eira (brasileiro, banheira). Como visto anteriormente, esse contexto é altamente favorecedor do processo. Sendo assim, uma hipótese seria a de que o que de fato pode estar condicionando positivamente a monotongação é o contexto fonológico seguinte ao ditongo e não a sua natureza morfológica.

Os resultados encontrados para as variáveis linguísticas corroboram os resultados encontrados nas pesquisas de Hora e Souza (2001). O contexto fonológico seguinte e a tonicidade da sílaba são fatores condicionadores para a monotongação. Porém, diferente dos resultados encontrados no presente estudo, a pesquisa de Hora e Souza (2001) obtém como resultado a posição pretônica influenciando mais a monotongação que a posição tônica, fato que vai ao encontro do que propõe a literatura.

De posse desses resultados, é possível compreender quais são os contextos fonológicos mais condicionadores à monotongação e, portanto, os que devem ser mais trabalhados nas atividades de escrita, já que provavelmente serão os contextos que serão transpostos para escrita com mais frequência.



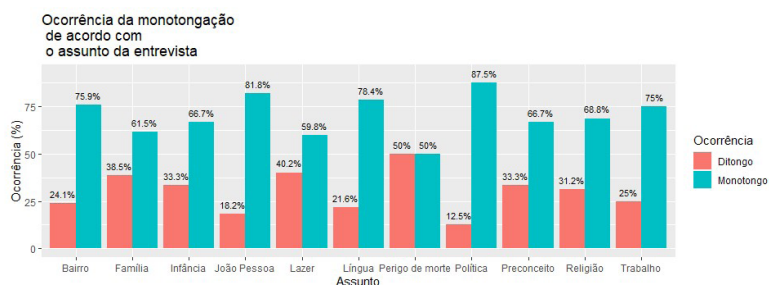
## VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Como esperado, as variáveis extralinguísticas não foram significativas para a ocorrência da monotongação. Considerando a amostra, o apagamento da semivogal em um ditongo não está relacionado à faixa etária ou à escolaridade do falante, mas sim a questões linguísticas.

Esse resultado difere do encontrado por Hora e Souza (2001) apenas com relação à escolaridade, pois os autores encontraram no resultado de sua pesquisa que os falantes mais escolarizados são menos favoráveis à monotongação.

Como foi dito anteriormente, neste estudo, a variável “assunto da entrevista” foi considerada para buscar pistas daquilo que Eckert e Labov (2017) chamaram de “significado social da variação”, monitorando o quanto a mudança no grau de “formalidade” dos assuntos da entrevista influenciava na ocorrência da monotongação. No teste de qui-quadrado, a variável foi considerada significativa ( $X^2 = 21.451$ ,  $df = 10$ ,  $p\text{-value} = 0.01816$ ), mas, ao analisar o Gráfico 4, percebe-se que, na verdade, não há causalidade entre o assunto mais pessoal ou informal e a ocorrência da monotongação, assim como não há entre o assunto menos pessoal e a manutenção da semivogal do ditongo. Dessa forma, pode-se deduzir que a variabilidade das ocorrências está mais relacionada a quais palavras foram ditas durante cada assunto do que à formalidade/informalidade deste, corroborando, assim, que os fatores mais significativos são, de fato, os linguísticos.

Gráfico 4



Fonte: Autora

Observando o gráfico, percebe-se que alguns dos assuntos considerados mais pessoais e que, para Labov (1984), o falante daria mais atenção à fala, são os que mais apresentam ocorrência da monotongação. Inclusive, o assunto em que mais se verifica a ocorrência da monotongação é o assunto política, que pode ser considerado mais “formal”. O assunto lazer, no qual o falante fala sobre as suas horas de descanso e os lugares que gosta de frequentar para se divertir, apresenta mais ocorrências do ditongo do que assuntos mais “formais” como trabalho, política, preconceito e língua. E, atentando também à relação entre a manutenção do ditongo e a monotongação, em todos os assuntos, a monotongação teve porcentagens bem superiores, com exceção ao tema “perigo de morte” em que as duas tiveram a mesma porcentagem.

Em linhas gerais, é perceptível que os resultados da pesquisa seguem os padrões já encontrados nas pesquisas de Hora e Souza (2001) e Aragão (2009), corroborando que a monotongação é um processo condicionado linguisticamente e que é socialmente aceito pela comunidade pessoense.

## **PROPOSTA DE ATIVIDADE COM O DITONGO**

Como foi visto nos tópicos anteriores, a Sociolinguística Variacionista reconhece a língua como uma entidade social heterogênea e defende a possibilidade de sistematização da variação, entendendo que a variação é inerente à língua. O sistema educacional brasileiro tem sofrido mudanças ao longo do tempo e documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já defendem que o ensino de língua portuguesa seja mais inclusivo no que diz respeito à realidade linguística dos/as discentes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa para as séries iniciais do Ensino Fundamental chamam a atenção para o fato de que a escola costuma tratar a fala como o lugar do caos linguístico, reforçando preconceitos:

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos — por não ser coincidente com a variedade linguística de prestígio social —, com a esperança de evitar que escrevessem errado. Reforçou assim o preconceito contra aqueles que falam diferente da variedade prestigiada (BRASIL, 1998, p.38).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que é necessário haver reflexões na sala de aula sobre as variedades linguísticas e os valores sociais atribuídos a elas:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2018, p. 81)

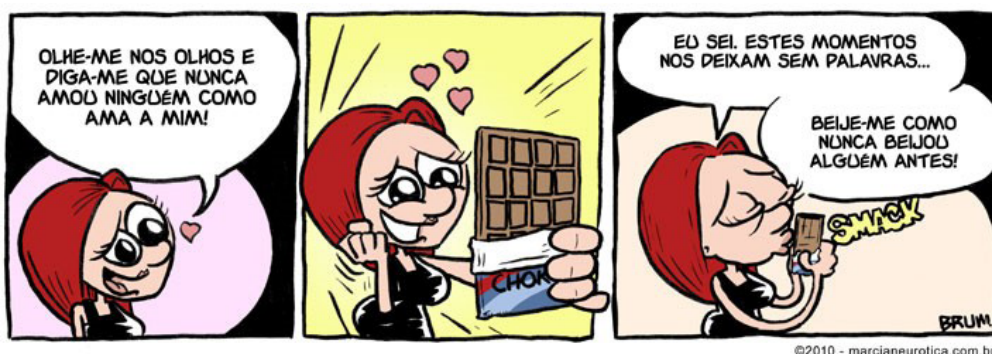
Embora o sistema educacional brasileiro tenha passado por mudanças e os documentos oficiais afirmem a importância de que o ensino de língua portuguesa seja feito considerando todas as variedades linguísticas, sem preconceitos, a escola, em geral, continua dando destaque apenas à norma padrão, considerando a fala dos/as discentes como “errada” e como a razão para tantos desvios na escrita.

O fenômeno da monotongação é muito interessante para se discutir em sala de aula, pois é um fenômeno socialmente aceito na fala, mas na escrita é estigmatizado. Isso precisa ser trabalhado de maneira cuidadosa, principalmente com os/as discentes das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Como os resultados da pesquisa mostraram, as variáveis linguísticas são as únicas que influenciam o apagamento da semivogal no ditongo, o que mostra que todos os falantes, de todas as idades, de todos os níveis de escolaridade, monotongam em situações de fala espontânea. Sendo assim, é compreensível que os/as discentes, principalmente aqueles das séries iniciais, acabem escrevendo como ouvem: sem a semivogal.

A seguir, serão indicadas algumas sugestões de abordagem sobre o tema em sala de aula. Introduzir a discussão com um texto é de extrema relevância, principalmente porque o foco de análise precisa estar contextualizado, além do fato de que a relação texto escrito e texto oral será muito enfatizada.

#### Tirinha 092 – Amor Verdadeiro



Fonte: <http://www.marcianeurotica.com.br/2011/01/tirinha-092-amor-verdadeiro.html>

O/A docente deve apresentar o texto, as suas características dentro do gênero e, neste caso, a ferramenta do humor. A leitura da Tirinha deve ser feita por vários/as discentes em voz alta, além do/a docente. Isso porque o/a docente deve chamar a atenção, após a leitura, das palavras “amou”, “ninguém”, “eu”, “sei”, “deixam”, “beije-me”, “beijou”. Se possível, destacar como os ditongos foram produzidos oralmente e se todos produziram da mesma forma. Além disso, relacionar à escrita.

Inicialmente, é fundamental que o/a docente caracterize as consoantes, as vogais e as semivogais, inclusive mostre as correspondências entre os fonemas e os grafemas. Isso é extremamente relevante para que os/as discentes compreendam que as vogais e semivogais são representadas na escrita da mesma forma.

Na sequência, o foco será nos encontros vocálicos. É importante reforçar que as vogais, no português, ocupam o núcleo da sílaba, portanto, cada sílaba possui uma única vogal. Se há dois segmentos vocálicos na mesma sílaba, um deles é uma semivogal, formando, dessa forma, o ditongo. Depois de explicar para os/as discentes o que é ditongo, é importante fazer a pergunta abaixo para verificar se eles entenderam o que é vogal e o que é semivogal, se já identificam o ditongo em uma palavra.

1 - O ditongo é o encontro de uma vogal e uma semivogal (aquela que não possui força para ocupar o núcleo da sílaba). Sabendo disso, qual(is) das palavras abaixo

possui ditongo?

- |           |            |
|-----------|------------|
| a) meiga  | b) mielite |
| c) sangue | d) água    |
| e) saída  | f) suada   |
| g) feira  | h) menina  |
| i) anão   | j) também  |

Objetivos da questão:

- diferenciar ditongo de hiato
- caracterizar ditongo crescente e decrescente
- reforçar a alternância entre ditongo crescente e hiato
- caracterizar ditongo oral e nasal

Como pontuado nos objetivos, em cada uma das alternativas, há um aspecto que precisa ser refletido com os/as discentes, por isso, é aconselhável que o/a docente deixe primeiramente os/as discentes analisarem as alternativas, levantarem hipóteses, discutirem entre si e só após o/a docente inicia a discussão com eles.

Para tratar especificamente do fenômeno variável de monotongação, é importante que os/as discentes consigam perceber que, embora a semivogal do ditongo seja apagada na fala, na escrita deve ser mantida.

2 - Observe as palavras a seguir e destaque aquelas em que o ditongo não pode ser monotongado na oralidade:

- a) paira
- b) peixe
- c) couro
- d) deitado
- e) leite

3 - Como a palavra “peixe” costuma ser pronunciada em situações de fala espontânea? E a palavra “couro”? Com as palavras “paira”, “deitado” e “leite” acontece o mesmo?

Objetivo das questões:

- identificar os ditongos que podem ser monotongados

Também é importante destacar que a fala não é “errada” ou inferior, que as pessoas apagam a semivogal a depender do fonema que vem imediatamente após a semivogal, quando não há prejuízo de significado, ou seja, quando a ausência da semivogal não implica a formação de uma outra palavra. Aqui trabalhar com pares mínimos é um ótimo recurso.

Não são em todas as palavras que o ditongo pode ser reduzido a uma vogal simples. Para que os/as discentes percebam melhor isso, perguntas como (4) e (5) podem ajudar.

4 - Em qual das palavras abaixo a semivogal do ditongo não é apagada na fala?

- a) brasileiro
- b) peixaria
- c) caixa
- d) besouro
- e) noite

5 - Qual das palavras abaixo apresenta ditongo que pode ser reduzido a monotongo sem mudar o significado da palavra?

- a) meiga
- b) bairro
- c) caixa
- d) pai
- e) jeito

Objetivo das questões:

- identificar os ditongos que podem ser monotongados

Como foi observado pelos resultados da pesquisa, o contexto fonológico seguinte tem grande influência no apagamento da semivogal. Trazer trechos dos dados analisados para que os/as discentes possam ouvir e ver a transcrição ajudará a reforçar o entendimento do processo. Sendo assim, é importante demonstrar para os/as discentes que, a depender do contexto fonológico seguinte, a semivogal pode ser mantida ou apagada. Para isso, perguntas como a que está abaixo podem ajudar.

6 - Observe as palavras abaixo e perceba quais são os contextos destacados que mais influenciam o apagamento da semivogal no ditongo.

- a) peito
- b) reino
- c) leito
- d) banheiro
- e) primeiro

Objetivo da questão:

- identificar os contextos mais propícios para monotongação

Nesse momento, apresentar os resultados estatísticos da pesquisa vai confirmar a observação que os/as discentes fizeram. E, dessa forma, é possível trazer a pesquisa para a sala de aula e, portanto, ampliando a sua funcionalidade ao ensino.

Outras atividades podem ser realizadas que tenham por base os contextos que mais favorecem a monotongação. E, apesar desta pesquisa focar apenas no ditongo [ej], a discussão

pode/deve ser ampliada aos outros ditongos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise dos dados da pesquisa, a monotongação é um fenômeno linguístico do qual o falante quase não tem consciência, e, por isso mesmo, variáveis extralinguísticas como faixa etária e escolaridade não são significativas.

Sobre a variável assunto da entrevista, a partir da maneira como foi observada a mudança de estilo, os resultados reforçaram que a monotongação não é condicionada estilisticamente, já que em todos os tópicos da entrevista houve uma alta porcentagem do fenômeno. Porém, é importante ressaltar que apenas a observação do falante em diferentes contextos sociais e a reunião de dados de fala e de percepção fornecem evidências sólidas sobre o significado social da variação.

Embora os nossos dados demonstrem que a monotongação é um fenômeno totalmente condicionado por fatores linguísticos, a pesquisa de Aragão (2009) encontrou como resultado “o tipo de registro” influenciando na ocorrência da monotongação. Esse é um resultado muito interessante, que merece ser considerado mais significativamente em pesquisas futuras.

Finalmente, dada a importância desses estudos para o ensino da língua, é imprescindível destacar que as pesquisas sociolinguísticas devem ser mais divulgadas aos cursos de pedagogia, pois os/as discentes das séries iniciais do Ensino Fundamental costumam transferir para a escrita as formas em variação na fala. Sendo assim, os/as docentes desses/as discentes precisam conhecer o que acontece pelo menos com os fenômenos mais recorrentes, como é o caso da monotongação, para que possam auxiliar os/as seus/suas discentes da maneira correta, sem frustrá-los - fazendo-os acreditar que não conhecem a sua própria língua - e sem reforçar preconceitos.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Os estudos fonético-fonológicos nos estados da Paraíba e do Ceará. Revista da Abralín, Revista da Associação Brasileira de Linguística*. Pará, v. 8, n. 1, 2009, p. 163-184.

BISOL, Leda. *O ditongo na perspectiva da fonologia atual*. D. E. L. T. A., São Paulo, v. 5, n. 2, 1989.

COLLISCHON, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia no português brasileiro*. 5.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. *A teoria da variação linguística*. In: AGUIAR, Vera Teixeira (Org.). *A pesquisa em Letras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 71 - 85.

BRUM, Rogério. Tirinha 09 – Amor Verdadeiro. Disponível em: <http://www.marcianeurotica.com.br/2011/01/tirinha-092-amor-verdadeiro.html>. Acesso em 28/12/2020.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.

ECKERT, Penelope; LABOV, William. *Phonetics, phonology and social meaning*. *Journal of Sociolinguistics*. Stanford: John Wiley & Sons Ltd, 21/4, 2017, p. 467 – 496.

HORA, Dermeval. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB)*. 1993.

\_\_\_\_\_; SILVA, Fabiana de Souza. *Processo de monotongação em João Pessoa*. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2001, p. 79 – 93.

\_\_\_\_\_. *Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa*. 2009. Disponível em: [biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica\\_e\\_fonologia\\_1360068796.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf). Acesso em 14/10/2020.

\_\_\_\_\_; AQUINO, Maria de Fátima. *Da fala para a leitura: análise variacionista*. São Paulo: Alfa, v. 56, n. 3, 2012, p. 1099-1115.

H. Wickham. *ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis*. Springer-Verlag New York, 2016.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. *Field methods of the Project on Linguistic Change and variation*. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (eds.). *Language in Use: Readings in Sociolinguistics*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguist change: cognitive and cultural factors*, Vol. III. Oxford: Wiley – Blackwell, 2010.

R Development Core Team (2009). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. ISBN 3-900051-07-0, URL <http://www.R-project.org>.

SILVA, Fabiana de Souza. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, Dermeval da. *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALB, 2004. p.29 – 44.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TRASK, Robert Lawrence. *A dictionary of phonetics and phonology*. London/ New York: Routledge, 1996.

## **Rossana da Conceição Honorato de Souza**

---

Graduada em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba. Foi bolsista do projeto PROBEX “Oficinas de saberes: construindo práticas sociais letradas na escola e na comunidade”, coordenado pela professora Eliana Vasconcelos da Silva Esvael, no ano de 2018.

Também foi bolsista do projeto PROLICEN “A leitura literária na escola: formando leitores através dos círculos de leitura”, coordenado pela professora Alyere Silva Farias, no ano de 2019.

## **Juliane Ribeiro Lopes Pedrosa**

---

Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING – UFPB), com Estágio de Doutorado, realizado na Concordia University, em Montreal – Canadá. Professora adjunta da UFPB, atua no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino (MPLE – PPGLE) e é colaboradora do PROLING. Suas áreas de interesse são variação, teoria fonológica e ensino de língua portuguesa.

*Recebido em 10/03/2021.*

*Aceito em 10/05/2021.*